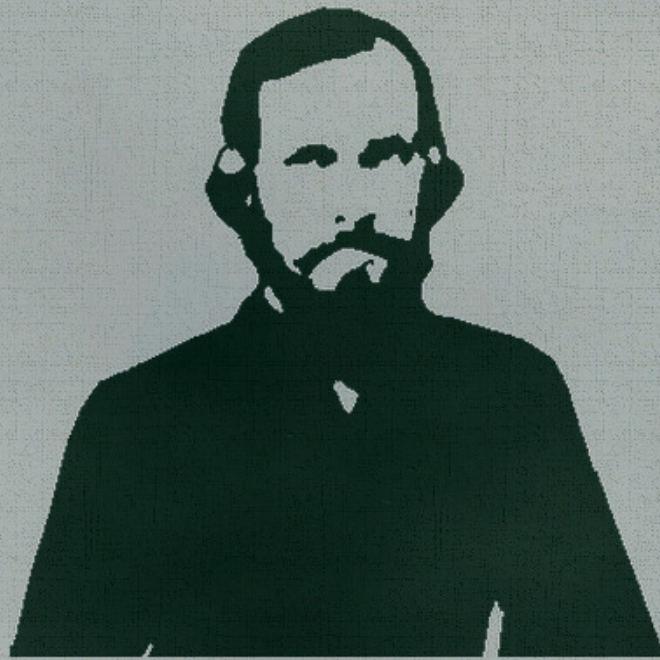


Prosa *Poeteiro* Verso
Iba Mendes

Literatura



Qorpo Santo

Certa identidade em busca de outra

(Teatro)



Iba Mendes
www.poeteiro.com

Qorpo Santo

Certa identidade em busca de outra

Escrito em 1866.

**José Joaquim de Campos Leão
(1829 – 1883)**

“Projeto Livro Livre”

Livro 363



Poeteiro Editor Digital
São Paulo - 2014
www.poeteiro.com



Projeto Livro Livre

O “Projeto Livro Livre” é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, de forma livre e gratuita, de obras literárias já em domínio público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital.

No Brasil, segundo a Lei nº 9.610, no seu artigo 41, os direitos patrimoniais do autor perduram por setenta anos contados de 1º de janeiro do ano subsequente ao de seu falecimento. O mesmo se observa em Portugal. Segundo o Código dos Direitos de Autor e dos Direitos Conexos, em seu capítulo IV e artigo 31º, o direito de autor caduca, na falta de disposição especial, 70 anos após a morte do criador intelectual, mesmo que a obra só tenha sido publicada ou divulgada postumamente.

O nosso Projeto, que tem por único e exclusivo objetivo colaborar em prol da divulgação do bom conhecimento na Internet, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por alguma razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza que nos informe, a fim de que seja devidamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso aos bens culturais. Assim esperamos!

Até lá, daremos nossa pequena contribuição para o desenvolvimento da educação e da cultura, mediante o compartilhamento livre e gratuito de obras sob domínio público, como esta, do escritor brasileiro Qorpo Santo: *“Certa identidade em busca de outra”*.

É isso!

Iba Mendes
iba@ibamendes.com

BIOGRAFIA

José Joaquim de Campos Leão, Qorpo-Santo, nasceu no dia 19 de abril de 1829, na Vila do Triunfo, Província do Rio Grande do Sul. Foi comerciante, professor público, diretor de colégio, subdelegado de polícia e vereador da Câmara Municipal de Alegrete.

Sua atividade intelectual e artística desenvolveu-se após o aparecimento de certas perturbações, em 1863; a partir desta data, começa o processo que resultaria em sua interdição, sob justificativa de que portava alienação mental. Escreve em 1866, de janeiro a junho, pelo menos 16 das 17 peças de teatro de sua autoria hoje conhecidas; sendo elas: *O hóspede atrevido* ou *O brilhante escondido*; *A impossibilidade da santificação* ou *A santificação transformada*; *O marinheiro escritor*; *Dois irmãos*; *Duas páginas em branco*; *Mateus e Mateusa*; *As relações naturais*; *Hoje sou Um e amanhã Outro*; *Eu sou Vida, eu não sou Morte*; *A separação de dois esposos*; *O marido extremoso* ou *O pai cuidadoso*; *Um credor da Fazenda Nacional*; *Um assovio*; *Certa Entidade em busca de Outra*; *Lanterna de fogo*; *Um parto*; *Uma pitada de rapé*, sendo esta última incompleta.

No ano de 1877, abre uma tipografia e edita os nove volumes de sua *Ensiqlopédia* ou *Seis Mezes de Huma Enfermidade*. Esta obra revelou um autor completamente original, que antecipou, mesmo que não programaticamente, procedimentos formais da poesia e do teatro do século XX, além de reunir crônica, biografia e prosa.

Apesar de ser um homem com certa popularidade e possuidor de alguns bens, Qorpo-Santo teve sua produção artística praticamente ignorada por seus contemporâneos; isso parece se dever em muito às transformações pelas quais o escritor passou. O respeitado professor converteu-se em uma figura extravagante, cheia de manias e com idéias estéticas pouco convencionais para a sociedade do século XIX. É com a transfiguração do pacato José Joaquim de Campos Leão no estranho visionário auto-nomeado Qorpo-Santo que nasce o autor das obras que aqui consideramos. Seus escritos são todos produtos de uma visão de mundo singular que complexamente articula postulados filosóficos, filológicos, teológicos e estéticos, de acordo com a perspectiva de um intelecto ex-cêntrico.

Para entendermos melhor a sua personalidade difícil há de se acrescentar diversas outros aspectos, que ao crescer em sua profissão e desenvolvê-la com muita dedicação, ninguém contava com os percalços da vida que se cristalizaram nas manias, nos vícios e na impertinência, as quais se tornaram marcas suas. De outro modo, a ambição o faz “enlouquecer”. Não que ele

possuísse ambições, mas fora envolvido, como ele mesmo comenta, pelo sentimento de sua mulher. A clausura o faz criar e desenvolver uma obsessão, uma monomania. Diante desse distúrbio ele cria uma nova personalidade ou recupera-a do passado, da infância, mais especificamente, uma experiência que parece muito incomum, mas um fato. Referimo-nos ao “estupro” sofrido (talvez desejado) por sua mãe, tornando-o a personagem de sua própria vida e criação, o misterioso Qorpo-Santo, que criou em torno de si a desculpa da loucura para, possivelmente, só assim, encontrar a liberdade que desejava. Mas, liberdade para quê?

Se não a tinha para se administrar enquanto homem? Liberdade, ao menos, para denunciar como um louco tudo aquilo que a sociedade condenava e que, entretanto, ele próprio se deleitava em fazer.

Este teatrólogo configura-se em um homem que se transformou em um mito, não só pela particularidade de sua história, mas também, pela curiosidade de sua literatura.

Como era de praxe entre os artistas oitocentistas seu falecimento é marcado pela “tísica pulmonar” e pela solidão. Em primeiro de maio de 1883, precisamente aos 54 anos de idade chega a óbito, mas sua morte não encerra as discussões sobre sua vida, nem sobre sua morte, já que seu falecimento também foi envolvido por dúvidas e mistérios.

Referências Bibliográficas:

1. Douglas Ceccagno: “Ovelhas merinas: malditas feras: O imaginário social no teatro de Qorpo-Santo”. Dissertação de Mestrado. Universidade de Caxias do Sul. Caxias do Sul/RS, 2006.
2. Carlos Augusto Nascimento Sarmiento-Pantoja: “Olhares caleidoscópicos do teatro de Qorpo-Santo”. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Pará – UFPA. Belém/PA, 2006.
3. Maria Clara Gonçalves: “Percorrendo o universo de devaneios, distorções e dualidades: considerações acerca da dramaturgia de Qorpo-Santo”. Dissertação de Mestrado. UNESP – Universidade Estadual Paulista. Assis/SP, 2001.

CERTA IDENTIDADE EM BUSCA DE OUTRA

COMÉDIA EM DOIS ATOS

PERSONAGENS

VELHO BRÁS; HOMEM SISUDO

FERRABRÁS; ESTUDANTE, FILHO ADOTIVO DESTE.

MICAELA (TAGARELA); MULHER POUCO COMEDIDA OU RESPEITÁVEL.

SATANÁS.

ATO PRIMEIRO

BRÁS - *(entrando)* Quem diabo está nesta casa!? *(Muito admirado.)* Por um dos reposteiros vi aqui a Satanás com olhos adiante e pernas atrás! Depois vi Judas Iscariotes, que andava a trotes! Por uma janela, a Micaela abrindo a boca de gamela! Mas o meu rapaz, o meu Ferrabrás; o meu contimpina, que de dia dorme, e de noite maquina! Oh! esse, nem por sombras me quer aparecer, ou eu pude ver! Bárbaros! Assassinos! Traidores! que tudo me roubam! Comem como burros; como cavalos; e depois querem que eu trabalhe para sustentá-los! Infames! Poluem a honra das famílias! Divorciam esposos para massacrá-los, e a seu gosto fruírem seus bens! Escravizam em vez de libertarem... Hei de lançar por terra tão indigno governo! Ou hão de os governantes e governados terem direitos e deveres, ou nenhum governo durará no poder mais que treze meses! A Nação, cujo espírito será como o de um só homem, - os inutilizará, a todos embrutecendo ou a cabeça fendendo! Ainda não estão satisfeitos estes entes (a que chamam Governo porque ocupam as posições oficiais) com os milhões de desgraças que têm ocasionado!? Querem bilhões, trilhões? Assassinos, traidores de sua Pátria! Até onde chegará a vossa perversidade? E até que ponto subirá também, ou a que extensão alcançará a vingança do Supremo Arquiteto do Universo!? Tremei, malvados! A trombeta final não tardará muito a tocar a voz: - Sejam queimados e reduzidos a cinzas!

(Aparece Satanás.)

BRÁS - Infeliz! Que fazes aqui?

SATANÁS - Sou Satanás, rei dos infernos, encarregado pelos demônios para destruímos os maus!

BRÁS - Oh! dai-me um abraço! Sois meu Irmão, meu amigo e companheiro! Estais armado?

SATANÁS - Sim. Trago as armas - do Poder e da vingança!

BRÁS - Pois sabeí que eu empunho a espada da justiça; o revólver do direito e o punhal da razão! Combinam-se bem com as tuas. Triunfaremos!

SATANÁS - Sem dúvida. Com tais armas, jamais haverá poder que nos possa vencer!

BRÁS - Muito bem! Muito bem! Venha de lá outro abraço! *(Torna a abraçá-lo.)*

MICAELA - *(entrando muito apressadamente)* Oh! Vivam! Os Srs. juntos! Que bela liga há de fazer Satanás com o velho Brás! Não esperava ter o grande

prazer de os encontrar tão amigos; e até abraçados! Que lindos! Modificarão suas idéias!? Sem dúvida grandes negócios políticos os hão juntado... Deus os conserve para felicidade pública e individual. (*Apontando para o próprio peito.*)

BRÁS - Seja bem-vinda, Sra. D. Micaela! Não sabe quanto aprecio a sua presença (*à parte:*) e ainda mais a sua ausência - cá para nós, a quem nenhum malévolo ouve. Que notícias nos traz e o que há de novo pelo seu bairro? O que nos conta finalmente?

MICAELA - Estou muito escandalizada! Sendo eu a mulher menos faladora que há, houve quem atrevesse-se à audácia de apelidar-me Tagarela: e nesta mesma casa meus ouvidos ouviram suas tão duras palavras!

BRÁS - Sinto profundamente que tão grande infortúnio pesasse tanto sobre a cabeça e o coração de minha muito prezada... Sra D. Micaela Tagarela!

MICAELA - E o Sr. também me insulta!? Com efeito, não o esperava!

SATANÁS - Oh! eu não sabia de tal. Prometo que há de ser vingada, que... a Sra. bem sabe! Eu não sou peço; e tenho à minha disposição a força e poder necessários para punir todos aqueles que ofendem a quem ninguém ofendeu. Tenho na minha carteira as sentenças para todas as espécies de crimes, e fique certa que ao abri-la, hei de puni-la! Isto é, hei de vingá-la!

MICAELA - Muito agradecida, Sr. Satanás! Muito obrigada; eu sou a sua menor, porém mais afetuosa criada! Quer saber a única cousa que me pesa? É que quando o Sr. defende ou castiga sempre lesa! Entretanto sou de algum modo forçada a aceitar o seu tão importante oferecimento!

BRÁS - (*chegando-se e apalpando os peitos de Tagarela*) Que pomos deliciosos!

MICAELA - Oh! Sr. Brás! Queira retirar-se da minha presença! O Sr. bem sabe que eu não sou dessas mulheres mundanas, para com as quais se procede de tal modo!

BRÁS - Desculpe-me, Sra. Tagarela! Pareceu-me - duas lindas laranjas; é por isso que quis tocá-los.

MICAELA Pois não continue a ter desses enganões, porque podem ter más conseqüências!

SATANÁS - Sim! Sim! (*À parte:*) Penso que são conhecidos há muito! É talvez minha presença que os está incomodando! Retiro-me portanto. (*Vai saindo; Brás o agarra.*)

BRÁS - Onde vai? Aonde vai!? Somos companheiros; e se não chega para dois ao mesmo tempo, há de chegar passada uma hora!

SATANÁS - Não! Não! Sempre tive, tenho e terei medo de mulheres. É para mim o objeto de mais perigo que o... Ah! não digo! Mas fique certo que... sim!

MICAELA - Passem bem! Passem bem, meus Srs.! *(Retirando-se com a frente para ambos, e entrando em um dos quartos.)*

BRÁS - *(fazendo um cumprimento, e seguindo-a)* Então já vai? Não acha cedo? Eu... sim; mas... Vamos juntos! *(Enfia-se pela porta, atrás de Micaela.)*

SATANÁS - *(pondo as mãos)* Céus! Meu Deus! Que imoralidade! Deixar a minha presença, e a minha visita, e meterem-se em quarto... em um quarto em presença... É audácia! É atrevimento! Mas eu os hei de compor! *(Puxa a porta e fecha por fora.)* Agora hão de sair, quando eu estiver cansado - de comer, de dormir, e de viver! Já se vê pois que aí têm de morrer, se alguém os não acudir, e secos como uma varinha de... como um palito! Porque já se sabe: eu cá hei de durar pelo menos cem anos! Ou o que é mais certo - não morro mais! *(Metendo a chave na algibeira.)* Cá vai! Vou dar meu passeio, e não sei se cá voltarei mais! *(Chegando-se para perto da porta do quarto:)* minhas encomendas! Adeus, minhas venturas! Adeus! Adeus! *(Sai.)*

ATO SEGUNDO

BRÁS - *(batendo na porta; fazendo esforço para abrir; gritando)* Satanás! Satanás! Ó Diabo! trancaste-me a porta!? Judeu! Que é isto, ó Diabo! Abre-me a porta, senão te engulo! Não falas!? Querem ver que este demônio trancou-me a porta e foi-se embora!? Tirano! Deixa estar que tu me pagas. Hei de perseguir-te até os infernos!

MICAELA - Sr. Brás, não se aflija! Não se incomode! Deixa estar que tudo se há de arranjar! Olhe! Veja! Pense! Medite, e não fale!

BRÁS - *(gritando)* Como diabo não hei de falar e me incomodar, se o Satanás trancou-me a porta!? *(Para Micaela:)* Mulher, puxa dai, que eu puxo daqui! Anda, mulher dos diabos! Faz força, cutia velha! Parece-me que já não vales mais nada! Olha, e faz como eu!

MICAELA - Estou ajudando-o a bem morrer! Que mais quer!?

BRÁS - *(tanto puxa, que cai no cenário com Micaela e a porta. Levantando-se, para Micaela:)* Quase quebrei a cuia! Mas ao menos não fiquei enterrado! Que dizes? Levanta-te, não tenhas preguiça!

MICAELA - Não posso! Estou... ai! Penso que... *(esfregando uma perna)* esta perna se não está quebrada, está esfolada!

BRÁS - Pois quem te mandou cair junto comigo!? Eu não te disse que segurasse a porta!? Agora levanta-te; quer possa, quer não! *(Pegando-lhe em uma mão.)*Vá! Arriba! Arriba!

MICAELA - Ai! ai! Não posso mais!

BRÁS - *(atirando-a)* Pois vai-te com a porta, e com todos os diabos que saírem hoje dos infernos!

MICAELA - *(levantando-se com muito custo)* Ai! Além de ajudá-lo a abrir a porta, e de cair com ele, mais esta crueldade! Atira comigo... esmaga-me... *(Endireita a cabeleira na cabeça.)* Rasgou-me o vestido de que eu mais gostava, com seus modos brutais! Quase pôs-me nua. Que crueldade! *(Levantando-se, compõe o xale.)* Muito sofre quem ama!

FERRABRÁS - *(entrando a manejar com uma bengale, vestido muito à pelintra)* Oh! hoje, sim! O dia foi grande! Grande! Muito grande para mim! Vi a minha namorada da Rua dos Andradas! A minha amiguinha do Beco do Botabica! A minha queridinha da Travessa da Candelária! Vi, vi, vi, que mais? Ah! a minha prima do passeio noturno; e a minha tia avó *(dando uma grande gargalhada)*, e em visitas aos velhos tortos, aleijados! etc. etc.

BRÁS - Oh! rapaz! Quando tomarás tu juízo!? Cada vez ficas pior! Anda para ali; anda! Toma a benção à tua mãe.

FERRABRÁS - Ora, meu pai, sempre o Sr. me está dando mães! Há três dias era uma velha de que todos têm nojo, porque lhe sai tabaco pelas fossas, mormente pelos ouvidos, pela boca, e até pelos olhos! Ontem era uma torta deste olho; aleijada desta perna *(batendo com a bengala na perna direita do pai.)*

BRÁS - Mais devagar com os teus exemplos, que estas pernas já são - o Sr. sabe - algum tanto velhas e cansadas!

FERRABRÁS - Senhor! Dizia eu que ontem era uma velha nestas agradabilíssimas condições, e hoje quer que eu tome a benção desta tagarela *(puxa-lhe pelo xale e quase o tira do pescoço.)*

MICAELA - Mais prudência, Sr. Dr.! Olhe que não estou acostumada a estes insultos! Pilha-me abatida, senão o Sr. não ousaria insultar-me, porque eu ainda teria mãos!

FERRABRÁS - Olhem; olhem que jóia!

BRÁS - (*muito zangado*) Este rapaz não toma mais caminho! Cada vez fica mais tolo, mais estonteado, e mais surdo! Vai, vai! (*empurrando-o*) Vai procurar outro pai! Eu não te quero mais por filho!

FERRABRÁS - Pois meu pai, o Sr. é que tem a culpa. Apresenta-me (*tira-lhe a cabeleira e atira-a no chão*) com esta cabeça rapada para minha mãe, como se eu fora alguma criança! Que quer que eu lhe faça!?

MICAELA - (*atirando-lhe com a cabeleira à cara*) Eu não o posso mais aturar, Sr. atrevido!

FERRABRÁS - Olhe que lhe dou com a bengala!

BRÁS - Acomodem-se! Senão eu lhes dou um cachaço!

(Micaela avança À bengala, toma-a de Ferrabrás e dá-lhe uma bengalada; trava-se uma peleja entre ambos; dando-lhe este com a cabeleira pelo rosto. Brás mete-se entre ambos para apartar a briga,. apanha e dá pancadas, e nesta luta termina a comedia.)

Porto Alegre, Junho 10 de 1866.

(Escusado é dizer que nada devem poupar os cômicos para tornar mais interessante e agradável o gracejo.)

Note-se - podem começar a cena os três últimos, dando alguns saltos, preferindo palavras sem nexos ao discurso, mostrando a respeito de Brás algum desatinamento, e retirarem-se ao aparecer ou sentirem o rumor da vinda daquele.